

BRASIL

Dr. Educário

## EDUCAÇÃO

Estudantes do DF se unem à campanha mundial para pressionar os oitos países mais ricos do mundo a aplicar recursos no ensino

# Apelo por investimentos

HÉRCULES BARROS

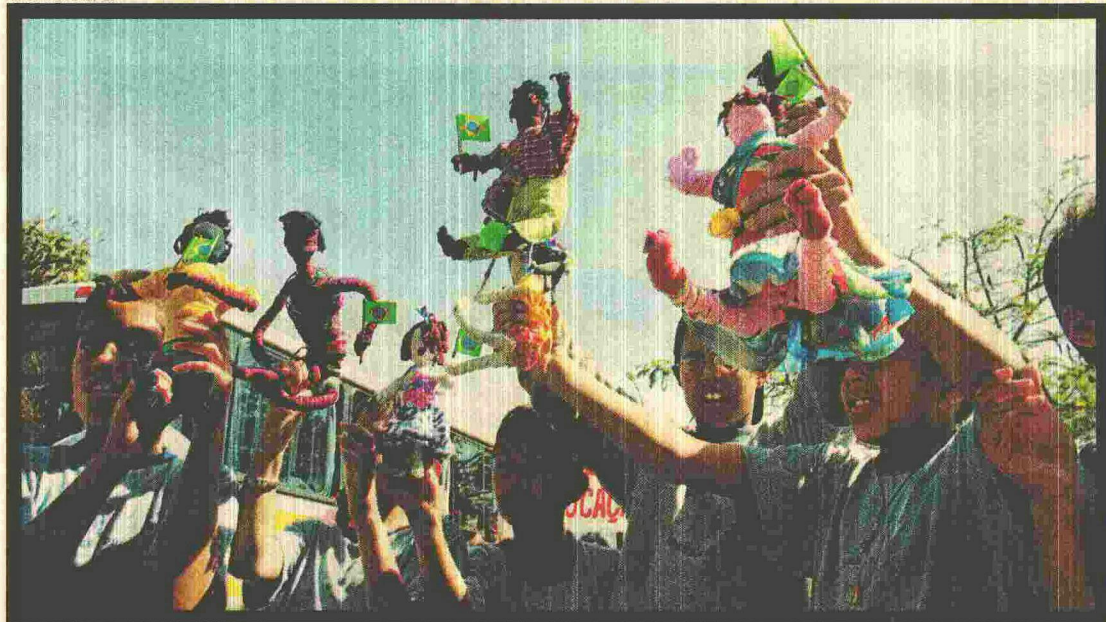
DA EQUIPE DO CORREIO

Iano Andrade/CB

**P**or que o dólar e o euro valem mais que o real e por que as nações desenvolvidas não financiam o ensino nos países pobres? As questões são de 30 alunos do ensino fundamental da Escola Classe 18 da Ceilândia e estão em cartas entregues ontem à tarde na Embaixada do Reino Unido, em Brasília. Junto, uma caixa colorida com miniaturas de bonecos representando brasileiros que não tiveram acesso à escola. O material é destinado ao grupo dos oito países mais ricos do mundo — o G8. Os representantes do Reino Unido, França, Alemanha, Itália, Japão, Estados Unidos (EUA), Canadá e mais a Rússia vão se reunir em Gleneagles, na Escócia, entre os dias 6 e 8 de julho, para discutir políticas de interesse da cúpula. A idéia do manifesto é pressionar os países desenvolvidos a ajudar as nações em desenvolvimento.

A manifestação a favor de investimento no ensino mundial faz parte da Campanha Global de Educação, que espera levar para a reunião do G8 um milhão de bonecos de todo o mundo. O evento foi organizado por movimentos de educação em 70 países. No Brasil, os estudantes foram recebidos pelo segundo-secretário da embaixada britânica, Richard Barlow. Os estudantes levaram nove mamulengos, representando pessoas de outras regiões do país.

Os bonecos retratavam brasileiros que não tiveram oportunidade de estudar ou interromperam os estudos. "Qual é o nome desse?", perguntou o diplomata britânico. O estudante Bruno Eduardo Fernandes Feitoza, 10



ALUNOS ENTREGARAM BONECOS, NA EMBAIXADA DO REINO UNIDO, SIMBOLIZANDO A FALTA DE ACESSO À ESCOLA

anos, apresentou: "Elton, de São Paulo." Richard Barlow, que está no Brasil desde 2002, franziu a testa com expressão de espanto, como se não entendesse como alguém que mora em São Paulo não consegue estudar.

Embora Elton estivesse na cerimônia representado por um boneco de papelão, ele escreveu a sua história real de exclusão escolar, que também será enviada ao representantes do G8. "Não quero que a história se repita com os meus filhos", expressou o paulista Elton Ferraz, 30 anos, pai de cinco filhos. Elton deixou a escola aos 17 anos, na 6ª série, para ajudar no orçamento familiar, por ser o mais velho dos dez irmãos.

O estudante Bruno também fez uma mensagem. Com o título "Egoísmo não vale", ele desabafa: "a alfabetização no nosso país é muito ruim. Para vocês verem, 16

milhões de jovens e adultos não sabem ler, nem escrever. Por favor, ajudem." Outras duas mensagens foram lidas pelos estudantes durante o evento na embaixada britânica.

O diplomata garantiu levar a encomenda aos representantes do G8 e pediu aos estudantes para acompanharem as notícias pela televisão. "O governo britânico tem agenda forte para o desenvolvimento. Mudanças climáticas e educação são pontos fundamentais", diz Barlow. Atualmente, o Reino Unido coordena o G8.

A Campanha Global entrou em contato com as embaixadas em todo o mundo na mobilização para a entrega do manifesto. Relatório recente da Campanha classificou o desempenho dos investimentos em educação de 22 países desenvolvidos. Cinco dos integrantes do G8 estavam no fim

da lista no volume de recursos destinados a outras nações.

Segundo a coordenadora da Campanha Nacional, Denise Carreira, a prioridade para a educação tem sido adotada só no discurso. "Na última reunião de cúpula mundial de financiamento do desenvolvimento, em 2000, os países ricos prometeram aplicar US\$ 5,4 bilhões, mas só investiram US\$ 800 milhões. Dos 40 países que teriam a dívida externa cancelada, até agora, só 18 foram contemplados e com condicionantes complicadas", avalia. Na América Latina, apenas a Bolívia faz parte do grupo a ter a dívida perdoada.

De acordo com dados oficiais, a educação pública no Brasil atende 87% dos estudantes. Mas 1,4 milhão de crianças, com idade entre 7 e 14 anos, estão fora das salas de aula, cerca de 5,5% da população nessa faixa etária.